

## **“Jogos Olympicos do Rio de Janeiro” no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte.**

João Manuel Casquinha Malaia Santos

### **Introdução**

O campeonato Sul-Americano de 1922, conhecido como os “Jogos Desportivos do Centenário”, ou os “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro”, como constava no “Programa das Festas do Centenario”<sup>1</sup>, foi uma realização dentro de uma série de eventos em comemoração ao centenário da independência do Brasil. Analisar a comemoração do centenário através da competição esportiva internacional do Rio de Janeiro, como parte dos festejos oficiais e em conjunto com a Exposição Universal, pode nos dar interessantes pistas para entendermos um pouco melhor algumas nuances do conturbado contexto político de 1922.

As eleições de Artur Bernardes, representante das oligarquias paulista e mineira, levantaram fortes oposições em núcleos políticos regionais como Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco, além de abrirem uma crise com o Exército, explícita na sangrenta revolta dos 18 do Forte de Copacabana. O Partido Comunista Brasileiro foi fundado naquele ano, criando mais uma alternativa política para um movimento sindical que assolava as grandes capitais brasileiras. Em São Paulo os modernistas traziam um discurso chocante aos padrões da chamada “arte oficial” na polêmica “Semana de Arte Moderna”. No entanto, não podemos correr o risco de obscurecer acontecimentos, “fatos” mesmo que podem revelar uma outra visão sobre aquele ano.

As comemorações do centenário da independência do Brasil foram eventos reveladores tanto da tentativa de um discurso de celebração da nação, por parte de autoridades, imprensa e da população em geral, quanto dos discursos de conflito presentes naquele mesmo ano, como já o demonstraram trabalhos com os de Motta (1992) e Tenório (1994). E quando o evento esportivo é trazido à baila, novas questões, novas interpretações e novas possibilidades surgem para o campo do historiador. Duas primeiras aproximações no estudo dessa competição já foram feitas por Santos (2010) e

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, “Programa Oficial das Festas do Centenario”. *O Malho*, n. 1.043, A. XXI, 7 de setembro de 1922, p. 12. Os jogos teriam início no dia 12 de setembro.

Moraes (2010). No primeiro caso, como parte de uma tese em História Econômica sobre o processo de profissionalização do futebol no país defendida na Universidade de São Paulo. Já no segundo, o trabalho apresentado no Encontro Regional da Anpuh-Rio tratou do contexto geral em que o campeonato foi realizado. Nas palavras de Ângela de Castro Gomes,

“a história política privilegia, sem sombra de dúvida, ‘acontecimento’ (político *tout court* ou não) que não pode ser superestimado, nem banalizado, mas sim investido de um valor ‘próprio’ que lhe é em grande parte atribuído/vivenciado pelos seus contemporâneos” (1963, p. 96).

Para buscar uma aproximação com esse “valor próprio” dos eventos comemorativos atribuídos/vivenciados por quem viveu o período, procuramos olhar para como a competição como foi descritos pela grande imprensa e celebrada por uma boa parcela da população de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Os jornais e revistas, os grandes veículos de comunicação de massa do período, sofriam um forte golpe com o projeto de lei apresentado pelo senador Adolfo Gordo ao Congresso, em julho de 1922. Oficializando a censura e o controle da imprensa, a chamada “Lei de Imprensa” foi aprovada sob o impacto do episódio das “cartas falsas” imputadas ao então candidato presidencial Artur Bernardes e publicadas pelo *Correio da Manhã* no ano anterior. Muitos órgãos sofreram com o controle e os discursos construídos em torno da competição, principalmente de futebol, possibilitam, ao menos, duas leituras. Por um lado, a celebração nacional através das vitórias da seleção brasileira, podendo ser vistas como uma maneira de reaproximação do discurso da imprensa com o do governo. Por outro, jornais com posturas diferenciadas em relação ao governo de Epitácio Pessoa tiveram um discurso bastante parecido na exaltação, celebração e comemoração das vitórias da seleção brasileira, mas também um discurso de contestação apareceu nas páginas de alguns jornais e revistas de grande circulação.

Além disso, na tentativa de criar uma imagem unificadora para o país e de modernidade para outras nações, o envolvimento do governo com os eventos esportivos, na jovem República, deram voz aos representantes das oligarquias regionais em confronto, ao mesmo tempo em que se celebrava um hipotético discurso de identidade nacional.

Nos Jogos de 1922, a imprensa deu amplo destaque à Exposição, à competição, principalmente a de futebol e algumas partidas foram transmitidas por sistemas de

rádio-telefonia para São Paulo. Os jornais e revistas de grande circulação das duas maiores cidades do país descreveram e retrataram o evento, divulgaram rendas de jogos e celebraram a nação na maior parte do tempo. Se a cobertura das competições esportivas iniciava um processo de “superinformação perpétua e de subinformação crônica”, que Nora (1995, p.188) aponta como um dos estados que caracteriza as sociedades contemporâneas, o mesmo autor aponta que

“o acontecimento testemunha menos pelo que traduz do que pelo que revela, menos pelo que é do que pelo que provoca. Sua significação é absorvida na ressonância; ele não é se não um eco, um espelho de uma sociedade, uma abertura” (1995, p. 188)

A data comemorativa serviu para que o governo brasileiro tentasse criar uma ambientação diferente do conturbado momento do país. A competição não pode ser considerada fora desse âmbito. Aliás, não deve nem ser considerada separadamente até da Exposição Internacional sediada no Rio de Janeiro, pois fazia parte do calendário oficial do evento, foi divulgado, celebrado e também criticado como tal. A organização da competição ficou a cargo de um proeminente coronel do Exército, Estelita Werner, nomeado por Epitácio Pessoa como presidente da Comissão Organizadora dos Festejos Desportivos do Centenário, que tinha a chancela da Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

O interesse aqui não é o de constituir um “perfil nacional”, pois um ensaio sobre história nacional torna-se uma tarefa muito arriscada, se não quase impossível para os historiadores. No entanto, um olhar, ainda que panorâmico, através do discurso da imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro, e de algumas das práticas tomadas por quem ocupava cargos majoritários da política nacional (incluindo aí os de direção do esporte) podem nos dar pistas interessantes.

Além disso, pode nos conectar ao presente, apresentando a maneira como os agentes do poder se envolveram com a questão esportiva, com toda uma carga de arranjos nacionais e internacionais. Com a proximidade dos dois maiores eventos esportivos do mundo, um público significativo almeja entender algumas questões desse momento tão importante, quanto delicado. “A função da histórica relação passado presente é importante para a construção da cidadania e de um futuro melhor” (BORGES: 1999, p. 16.). Procurando buscar uma renovação dos objetos da História Política, que exige do historiador “novos ângulos de análise e reflexão aprofundada sobre o passado” (CAPELATO, 1996, P.63), tentarei mostrar uma possível direção a ser

seguida com este intuito. Percebe-se contestação e crítica ao governo, à organização do torneio, à forma como a seleção brasileira foi formada. Foram feitas denúncias de exageros por parte do governo nos gastos dos eventos e a possíveis favorecimentos diversos. Vejamos algumas dessas possibilidades.

### **1. O Centenário e o “prestígio” político internacional**

Além de ter a função de lazer para os cariocas e para muitos brasileiros e estrangeiros que acompanhavam as festividades do Centenário da Independência, a competição esportiva internacional serviu para ser mais um dos muitos eventos em que autoridades internacionais foram homenageadas pelo governo brasileiro. O momento da política internacional brasileira apresentava-se de maneira bastante delicada. Após o término dos conflitos da Primeira Grande Guerra, o Brasil teve atuação destacada na formação da Liga das Nações, sob a tutela dos Estados Unidos. Apesar de não conseguir um assento permanente no Conselho Executivo da importante entidade supranacional, foi nomeado para um dos cinco postos temporários, com mandato de três anos (BURNS, 1997, p. 400).

Em 1922, o país não só objetivava uma cadeira permanente no Conselho, como tinha que conseguir sua reeleição para a cadeira temporária. O presidente Epitácio Pessoa e o representante do Brasil no Conselho em Genebra, Afrânio de Melo Franco, através de uma intensa atuação, conseguiram que “o Brasil, em nome da América, [lançasse] a sua candidatura. A questão toda colocava-se em termos de prestígio” como notam Cervo e Bueno (2010, p.223).

A Exposição proporcionou a formação de um *locus* privilegiado para o estreitamento de relações entre figuras da política internacional. A 3ª Assembléia do Conselho Executivo da Liga das Nações realizar-se-ia em outubro de 1922 (ELLIS, 2004, p. 139 e 140), durante as comemorações brasileiras, iniciadas em setembro. O Centenário, a Exposição, as reformas e inaugurações, as paradas militares, os desfiles, os Jogos, o Campeonato Sul-Americano de Football, todos estes eventos foram oportunidades ímpares para homenagear as autoridades internacionais presentes no país.

Estados Unidos, Japão, França, Grã-Bretanha, e Itália, membros permanentes do Conselho, não só estavam representados na Exposição, como tinham seus prédios um ao lado do outro, logo na entrada do evento, após o Palácio Monroe e o pavilhão da

Argentina. Dos membros temporários, Bélgica e Suécia também se fizeram representar, enquanto China, Espanha e Uruguai não participaram da Exposição com pavilhões.

Nos esportes, além de Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, o país recebeu delegações dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, México, Japão, Portugal e Bélgica para participação em algumas competições aquáticas e nos Jogos Esportivos Militares, evento realizado dentro do evento esportivo maior.

Os jogos tiveram a presença do americano Elwood Stanley Brown, representante do Comitê Olímpico Internacional (COI), da Federação Atlética Internacional de Amadores, além de secretário da Associação Cristã de Moços (ACM). Brown desenvolvia junto ao COI e ao seu patrono, Pierre de Coubertin, um importante projeto de regionalização das competições esportivas internacionais, através da ação da ACM.

Para dar conta de tantas autoridades homenageadas durante os eventos esportivos, o Cel. Estelita Werner criou a “Comissão de Diplomacia”, formada por figuras de destaque como o escritor e apaixonado torcedor do Fluminense, Henrique Maximiliano Coelho Netto, para homenagear “as altas autoridades do país e bem assim as representações diplomáticas e desportivas que [nos honravam] com suas presenças”.<sup>2</sup>

As competições esportivas precisavam ser realizadas de maneira impecável. O Brasil precisava ter palcos à altura das grandes capitais que já haviam recebido grandes jogos internacionais poliesportivos.

## **2. Rio de Janeiro: a Capital dos Esportes**

A cidade passou por amplas reformas para receber a Exposição e os Jogos. Próximo à Avenida Rio Branco, em área aterrada, os pavilhões das nações foram construídos para receber a Exposição. A capital se preparava para ser o centro das celebrações. O então prefeito Carlos Sampaio comandou o projeto, conjuntamente com o presidente Epiácio Pessoa. Um dos clubes preferidos do presidente Epiácio Pessoa era o Flamengo, do qual era presidente de honra. Alguns dos jornais de maior oposição ao presidente, como o *Correio da Manhã* e *O Imparcial* (SODRÉ, 1966, p.398) publicavam notas dando conta que Epiácio assinaria um decreto doando ao clube um terreno na Praia Vermelha com vistas à construção de um estádio para abrigar as provas

---

<sup>2</sup> “A criação da Comissão de Diplomacia dos Festejos Desportivos do Centenário”. *O Imparcial*, 6 de setembro de 1922, p. 3.

de *rowing* dos Jogos do Centenário.<sup>3</sup> O Ministro da Fazenda, Homero Batista, chegou a assinar um despacho para que o Flamengo ocupasse provisoriamente o local “com todas as suas bemfeitorias, acessórios e edificações compreendida entre a Urca e a Praia da Saudade”,<sup>4</sup> porém o clube não deu prosseguimento ao projeto.<sup>5</sup>

Em 1921, o presidente da CBD, o também deputado federal José Eduardo de Macedo Soares, que ocupou o cargo no Congresso de 1917 a 1923 conseguiu convencer o Ministro da Fazenda a isentar de impostos o material esportivo importado pela Confederação para a organização do Campeonato Sul Americano de 1922.<sup>6</sup> Mas a obra de maior vulto foi, sem dúvida, o estádio do Fluminense Football Club, do presidente Arnaldo Guinle, um dos mais proeminentes representantes da milionária família carioca

### **2.1 Stadium do Fluminense**

Como os Jogos faziam parte dos festejos, nada mais natural que as obras feitas no estádio do Fluminense estivessem dentro do contexto das novas construções da cidade. O arquiteto foi Hypolito Pujol Jr., importante professor da Escola Politécnica de São Paulo que “estava trabalhando no Rio de Janeiro, na construção do Pavilhão de São Paulo na Exposição do Centenário, mas, aproveitando a ocasião, projetou e começou a construir o estádio do Fluminense Futebol Club” (FISCHER, 2005, p. 122 e 123) utilizando a tecnologia do concreto armado, pela qual era famoso. Os jornais da cidade afirmavam que o estádio ampliado poderia receber 40 mil pessoas e que o torcedor não precisaria mais “madrugar” para conseguir seu ingresso.<sup>7</sup> O detalhe é que o estádio havia sido inaugurado três anos antes.

O Brasil já havia sediado uma competição sul-americana de futebol, em 1919. O Fluminense configurou-se em importante círculo de proeminentes famílias cariocas. Arnaldo Guinle, possuidor de um dos sobrenomes mais importantes da cidade e do país, conseguiu a presidência da Confederação Brasileira de Desportes (CBD) e com isso levou a competição para dentro daquele clube. Obteve todas as benesses possíveis do

---

<sup>3</sup> Notas de 12 a 16 de março de 1921 em *Correio da Manhã* e em *O Imparcial*.

<sup>4</sup> *O Imparcial*, 21 de maio de 1921.

<sup>5</sup> Em 1926, no entanto, o clube ganhou uma área de 34 mil metros quadrados na região da Lagoa Rodrigo de Freitas cedida pela prefeitura do Rio de Janeiro, local da sede atual do clube

<sup>6</sup> *O Imparcial*, 18 de maio de 1921.

<sup>7</sup> “Não é preciso madrugar no *Stadium*”. *O Imparcial*, 17 de setembro de 1922. No jornal *Correio da Manhã* (“Onde se realizarão os Jogos Olympicos”) afirmava-se que “a lotação do *stadium* é calculada em 38 a 40 mil pessoas”. 28 de agosto de 1922, p. 1. No entanto, a capacidade oficial era de 22 mil.

governo. Contraindo no Banco do Brasil mais de 2.000:000\$000 (dois mil contos de réis) em empréstimos e transformou as instalações do “Tricolor” na mais moderna praça de esportes nacional e seu estádio em um dos maiores da América do Sul, com capacidade para 18 mil pessoas.<sup>8</sup>

O envolvimento do governo com o projeto dos Jogos do Centenário foi muito maior do que quando o Brasil sediou pela primeira vez a competição internacional de 1919. Arnaldo Guinle se apressou em colocar o Fluminense mais uma vez à frente da empreitada. Epiácio Pessoa, “sócio honorário” do Fluminense, facilitou a obtenção de “obrigações até a quantia de 5 mil contos de réis [5.000:000\$000]”,<sup>9</sup> mais do que o dobro do investimento da competição anterior. Para se ter uma ideia do que representava esse valor, vale dizer que representou cerca de 5% de todas as despesas do governo durante o centenário, calculado aproximadamente em 100 mil contos de réis (100.000:000\$000).<sup>10</sup>

## **2.2 Maratona dos Jogos: 42 quilômetros de celebração à cidade**

Não foi apenas o estádio do Fluminense o único elo entre a reforma da cidade e os esportes. A prova da maratona da competição foi uma verdadeira celebração à modernidade carioca. O roteiro foi pensado e executado para dar vistas a pontos recém-urbanizados da Zona Sul, bem como passar pelas obras novas dos palácios da Exposição, e de outros pontos importantes que pudessem ressaltar não só o desenvolvimento da cidade, como as benesses do prefeito Carlos Sampaio e as novas regiões adotadas pela elite carioca como destino. A proximidade com a praia, revista neste início de século XX “pelas diversas iniciativas de regulamentação e controle implementadas a partir da articulação de considerações médicas/morais/estéticas” (MELO, 2001, p. 143) revelavam o mar como paisagem integrante e relevante da cidade.

A saída se dava pelo novíssimo e reformado *Stadium* do Fluminense, na Rua Guabnabara, seguindo em direção à Rua Paysandu. Dali, os corredores de Brasil e Chile, únicas delegações a participarem da exaustiva prova, se dirigiram à Avenida Beira-Mar, em seu novo aterro, iniciado após o arrasamento do Morro do Castelo. Em

---

<sup>8</sup> O custo da obra do Stadium do Fluminense foi de 840:717\$701. COELHO NETTO (2002, p. 73).

<sup>9</sup> *O Imparcial*, 29 de janeiro de 1920.

<sup>10</sup> BRASIL. Diário do Congresso nacional, 25 de outubro de 1922, p. 4.416.

seguida, os maratonistas correram em volta do reformado Passeio Público, que abrigava o recém-inaugurado Teatro-Cassino Beira-Mar, passando exatamente em frente ao Palácio Monroe, uma das entradas da Exposição do Centenário. Como o recinto da exposição era fechado para a cobrança de ingressos, tornava-se inviável que os atletas percorressem a Avenida das Nações, local que abrigava a maioria dos pavilhões do evento. Retornando à Avenida Beira-Mar, seguiram em direção à Praia de Botafogo, antes correndo em volta da Avenida do Contorno do Morro da Viúva, atual Rui Barbosa, completando a ligação da Avenida Beira-Mar através do litoral até a Praia de Botafogo, em área também construída com o novo aterramento. Naquele local, na confluência das avenidas Beira-Mar, Rui Barbosa e Oswaldo Cruz, situava-se uma das obras mais importantes de toda a exposição: o presente da delegação mexicana ao governo brasileiro, uma estátua de Cuauhtémoc de quatro metros de altura, colocada em praça de mesmo nome e construída para receber a importante obra de arte. A inauguração da estátua aconteceu exatamente no dia da Maratona, em 16 de setembro de 1922, com a presença de importantes autoridades, como os presidentes do Brasil, Epitácio Pessoa, e do México, Álvaro Óbregon (TENÓRIO, 1994, p. 135).

Da Praia de Botafogo, os atletas seguiram para a Praia da Saudade, passando pela nova urbanização naquela área a cargo do engenheiro Oscar de Almeida Gama, da Sociedade Anônima Empresa da Urca. A empresa, desde 1919, trabalhava na construção de um cais ligando a Praia da Saudade à Fortaleza de São João. O plano geral de arruamento e loteamento da Urca foi aprovado em 1922 e suas obras começaram no ano seguinte, caracterizando o interesse de exploração imobiliária dessa nova área. No ano do Centenário, naquela região, o presidente do Brasil inaugurou as novas avenidas Pauster e Portugal, em clara homenagem a um dos países de maior destaque nas comemorações. O presidente português Antônio José de Almeida foi uma das figuras de maior destaque nos festejos, recebendo inúmeras homenagens durante a sua visita ao Brasil naquele ano.

Da Praia da Saudade, os atletas seguiram para a praia do Leme e Copacabana e pela Rua Barão do Rio Bonito, acessando o Túnel Novo em direção ao Leme. Neste bairro, seguiam pela Rua Salvador Correa, Rua Gustavo Sampaio e davam a volta na Praça da Vigia, atual Julio de Noronha. Dali seguiam em direção a mais uma das obras do prefeito, a Avenida Atlântica, destruída por uma forte ressaca na Praia de

Copacabana em 1921 e reconstruída no ano seguinte. Por aquela avenida, os corredores, e quem mais acompanhasse a prova, poderiam ver o mais novo luxuoso, porém ainda inacabado, hotel da cidade, o Copacabana Palace. Vale lembrar que cerca de dois meses antes, naquela mesma avenida, os insurretos da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, trocaram disparos por mais de uma hora contra as forças conjuntas do Exército, da Polícia e do Batalhão Naval. Entrincheirados na praia, no paredão da calçada, a maioria dos revoltosos e alguns soldados das tropas legalistas faleceram ali mesmo na avenida ou na areia da praia.

O próximo destino seria Ipanema, outro dos pontos recentemente urbanizado e foco de atração de parte da elite carioca. Pela Rua da Egrejinha, atual Francisco Otaviano, os atletas seguiram pela Avenida Vieira Souto. Ao final da Vieira Souto, antes de chegarem ao Leblon, os corredores deveriam seguir em direção à Lagoa Rodrigo de Freitas, pela também recém-inaugurada Ponte da Lagoa. Ali os atletas percorreriam a Avenida Epitácio Pessoa, ao redor da Lagoa, em área reurbanizada e que passou por obras de saneamento em 1920 e recebia alguns casarões da elite. Após a volta na Lagoa, os atletas seguiram pela Rua Irineu Silva, Rua Dias Ferreira e começaram o caminho de volta para o estádio do Fluminense, pela Rua Jardim Botânico, Rua Humaitá, Rua Rui Barbosa, Praia de Botafogo, Rua Farani e Rua Guanabara.

As freguesias mais populares foram alijadas de acompanhar os corredores da mais exaustiva prova do esporte. Mesmo os bairros da Gávea e Lagoa, que concentravam algumas indústrias e por isso muitas vilas operárias, estavam em fase de reestruturação, com a saída dos estabelecimentos e de muitos de seus funcionários daquela região. Nas freguesias mais populosas do Centro, a maratona passou à beira-mar e não no coração, nas verdadeiras artérias da cidade. Foi uma ode ao moderno, às novas obras, às novas áreas em franca expansão imobiliária e à nova paisagem que caracterizaria a cidade nos tempos vindouros, valorizando suas belas praias ainda pouco ocupadas, como Copacabana e Ipanema e a belíssima Lagoa.

Se a cidade se prepararia, aos esportes, e ao futebol mais precisamente, caberia o papel de executar um projeto que desse conta de formar uma seleção de futebol que aparentasse algo de nacional. O futebol já era considerado o esporte de maior prestígio no Brasil por órgãos do próprio governo, como o Instituto Histórico e Geográfico

Brasileiro (IHGB). No ano do centenário, o IHGB lançou o “Diccionario Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil”, e no verbete “Desporto” apontava o futebol como o “desporto-*leader*” nacional.<sup>11</sup> Em termos internacionais, o evento transformou-se na possibilidade de se adquirir o tal prestígio que o país almejava. Prestígio esse que seria potencializado com as vitórias no esporte, principalmente com a seleção brasileira de futebol. Internamente, uma seleção inspirando a união dos quatro cantos do país significaria passar à população em geral um momento de união.

### 3. Uma seleção brasileira?

“Estatutos da Confederação Brasileira de Desportes  
[...] Capítulo XI- DOS AMADORES [...]”  
Art. 45: Não são considerados amadores:  
a) os que não sabem ler e escrever; [...]”<sup>12</sup>

Como pretender ser uma instituição que representasse o país, que se intitulasse organizadora da “seleção brasileira”, se excluía, logo no primeiro item em que classificava os atletas que poderiam representar os seus quadros quase metade da população brasileira? Dados do Censo de 1920 indicam que quase 65% da população brasileira não sabia ler ou escrever.<sup>13</sup> Além disso, tal medida colocava a maior parte dos negros alijados da participação, dado o elevado índice de analfabetismo entre os mesmos. Ao excluir boa parte da população, inseria-se perfeitamente no contexto das autoridades do período que só consideravam cidadão com poder de voto nas eleições os que sabiam ler e escrever, portanto apenas cidadãos poderiam representar a seleção brasileira. No entanto, urgia um discurso conciliador através da seleção brasileira de futebol. “Se a avaliação dos cem anos de história parecia nos condenar, a geografia poderia nos redimir” (MOTTA, op. cit., p. 72).

Para exaltar os poderes da imensidão do país através do futebol, surgiu a idéia de se fazer um campeonato de seleções estaduais para escolher os melhores jogadores do país que representariam a seleção brasileira nos Jogos de 1922 e não apenas chamar os

---

<sup>11</sup> INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Diccionario Histórico, Geographico e Ethnografico do Brasil* (Commemorativo do Primeiro Centenário da Independência). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922. v. 2, p. 413.

<sup>12</sup> BRASIL. *Estatutos da Confederação Brasileira de Desportes*. Diário Oficial, 26 de julho de 1922, pp. 14.277 – 14.280.

<sup>13</sup> BRASIL. Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

melhores paulistas e cariocas, como era de costume. Esta seletiva se configurou no primeiro projeto nacional de um campeonato de futebol.

Um sistema de transportes ferroviários ainda bastante deficitário em um país de enorme território encarecia e dificultava o deslocamento das equipes entre as diferentes localidades. A situação ainda incipiente dos esportes em algumas regiões, sem a organização de federações que pudessem se filiar à CBD e pagar suas altíssimas taxas, como jóia, mensalidades, inscrição de atletas e outras multas, além das constantes brigas entre cariocas e paulistas na disputa do controle do esporte nacional eram ingredientes que tornavam a receita de um “futebol nacional” ainda mais complicada.

O projeto foi posto em prática com seleções das federações de estados representantes da política do café-com-leite (São Paulo e Minas Gerais) e da chamada “Reação Republicana”, o movimento que tentou derrubar paulistas e mineiros nas eleições presidenciais de 1922 (Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul). Ainda foram convidados pela CBD as federações do Pará, e do Paraná. O país foi dividido em três zonas geográficas que contavam cada qual com um grupo de equipes. A “Zona Norte” contou com Bahia, Pará e Pernambuco. Como os dois últimos desistiram de participar do torneio, o time baiano classificou-se para as finais, a serem disputadas em São Paulo e Rio de Janeiro. A estranhamente denominada “Zona Centro” foi formada com Rio Grande do Sul e Paraná. Os gaúchos se classificaram após um empate e uma vitória. Cada um desses grupos classificava um torneio final a ser disputado no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Os outros dois classificados viriam do grupo chamado Zona Sul, com quatro participantes, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais e São Paulo. Habilmente, as seleções mais fortes e que levavam maiores públicos aos igualmente maiores estádios do país, foram beneficiadas pelos organizadores. Cariocas e paulistas jogariam contra fluminenses e mineiros, respectivamente, em seus domínios e em partida eliminatória que classificaria as seleções vencedoras para a fase final. Os cariocas venceram a seleção do estado do Rio de Janeiro por 2 a 0, e os paulistas mostraram toda a sua superioridade ganhando de 13 a 0 da seleção mineira.

Na fase final, baianos, cariocas, gaúchos e paulistas jogariam entre si e a seleção com mais pontos seria declarada campeã. Na primeira rodada, a seleção paulista

derrotou a gaúcha por 4 a 2 e depois a seleção baiana por 3 a 0, em solo paulista. Os cariocas venceram os gaúchos por 2 a 0.

Os baianos tinham uma forte seleção, e o estado configurava-se, naquele momento, um dos principais pilares de oposição ao governo central, através da figura de seu governador J.J. Seabra, candidato a vice-presidência na chapa derrotada da “Reação Republicana” (Cf. FERREIRA, 1993). Os baianos “pregaram uma peça” aos cariocas,<sup>14</sup> ao empatarem por 2 a 2, mesmo jogando logo após à chegada ao Rio de Janeiro e desfalcados de dois de seus principais jogadores, Popó e Santinho. Em Salvador, funcionários do jornal *Diário da Bahia* afixavam, durante a partida, as notícias que recebiam por telefone do Rio de Janeiro em frente à sede do jornal, descrevendo o desenrolar do jogo. Ao final, com o empate, “a multidão em delírio percorreu as principais ruas, ovacionando os jogadores bahianos, tendo seguido até o palácio, para cumprimentar o governador Dr. J. J. Seabra”.<sup>15</sup>

As seleções da Bahia e do Rio Grande do Sul se enfrentaram no Rio de Janeiro, e a vitória dos baianos por 1 a 0, classificou os cariocas para as finais. A CBD apressou-se em marcar dois jogos, um em São Paulo e outro no Rio. Não houve chances para os cariocas, que perderam por 4 a 1 em São Paulo, no estádio do Palestra Itália, e por 2 a 1, no estádio do Fluminense.

A imprensa saudava os esforços por parte dos dirigentes da CBD e da “Comissão Desportiva do Centenário” em fazer reunir “um conjunto que representasse dignamente o sport nacional” através do importante torneio, “proporcionando os seus resultados surpreendente oportunidade para que se constatasse o progresso sportivo de outros Estados”, como se verificou com relação aos baianos, gaúchos, paranaenses e mineiros ao lado de cariocas e paulistas.<sup>16</sup> As seleções representantes das oligarquias em franca colisão se uniam em esforços para executar um projeto verdadeiramente nacional. “Derrotados com a “Reação Republicana”, as demais [unidades] procuravam se aproximar do rebanho governista” (SOUZA, 1978, p. 215) e buscavam elevar as tensões dentro da esfera esportiva, ao mesmo tempo que se congregavam em torno do ideal de formação de uma seleção representativa do quadro nacional.

---

<sup>14</sup> *Folha da Manhã*, 1 de julho de 1922, p. 4.

<sup>15</sup> “Na Bahia, uma grande multidão felicitou o Sr. Presidente do Estado por motivo do empate bahianos x cariocas”. *O Imparcial*, 31 de julho de 1922, p. 1.

<sup>16</sup> “Domingo Sportivo”. *O Imparcial*, 14 de agosto de 1922, p. 1.

No entanto, a seleção de 1922 contou, novamente, apenas com jogadores de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro. Da equipe que disputou a final do torneio contra o Paraguai, sete jogadores eram de equipes paulistas e apenas quatro eram de equipes do Rio de Janeiro. A tentativa de fazer vingar a imagem de uma verdadeira seleção nacional, transformando o indivíduo, “mesmo apenas aquele que torce”, em “símbolo da nação” (HOBBSAWN, 1988, p.171). havia fracassado, pelo menos no tocante à formação da seleção. Durante os Jogos Sul-Americanos, seleções de outros estados que não foram convidadas faziam amistosos, mostrando que poderiam ter participado do torneio. No dia da estréia da seleção brasileira no Rio de Janeiro, as seleções da Paraíba e do Rio Grande do Norte se enfrentaram, com uma vitória por 3 a 2 dos paraibanos.<sup>17</sup> No entanto, nenhuma das duas federações teria um peso tão importante no jogo político do país para despertar a atenção da CBD para a formação do campeonato de seleções estaduais. A despeito de cariocas e paulistas formarem o selecionado nacional, a imagem foi forte o suficiente para celebrar o combinado Rio-São Paulo, como dignos representantes da nação.

### **Considerações finais: a tentativa de abrir novas janelas**

O situacionista *Jornal do Brasil* estampou em sua primeira página a conquista como “a vitória do mais forte, a vitória da justiça”. Já a maioria dos jornais de oposição mantiveram o tom de apoio e celebração à seleção brasileira. No dia seguinte, na *Gazeta de Notícias*, o cronista ressaltava que as milhares de pessoas que assistiram à partida gritavam: “Salve o Brasil - campeão de terra e mar” devido aos títulos do futebol, remo e *water polo*, dedicando suas linhas à “grande República Argentina, como o mais sincero agradecimento do povo brasileiro” em alusão à vitória da desclassificada Argentina sobre o Paraguai que deu chances do Brasil não ser eliminado do torneio. Dessa maneira, o periódico, também contestador do governo, tentava minimizar a vitória brasileira.<sup>18</sup> *O Imparcial*, logo em sua primeira página destacava: “Todo o Brasil rejubila a estas horas com a merecida vitória alcançada hontem [...]” e *A Noite* dava ênfase às “extraordinárias ovações que nossos patrícios receberam no Stadium” e completava informando que “os brasileiros saíram do campo ao som de vivas e de hurras e cobertos de flores” (p.2). Em São Paulo, cerca de 30 mil pessoas se

---

<sup>17</sup> “Futebol inter-estadual”. *Folha da Noite*, 19 de setembro de 1922, p. 2

<sup>18</sup> *Gazeta de Notícias*, 24 de outubro de 1922, p. 6.

espremeram em frente ao prédio de *A Gazeta* para acompanhar os lances transmitidos pela novíssima “radiotelephonia alto-fallante”, parando o trânsito na avenida.<sup>19</sup>

Segundo Martins (2008, p. 132), eram poucas as vozes discordantes que se faziam ouvir, como a de Lima Barreto. No entanto, um outro olhar sobre o discurso da imprensa durante o centenário e em pleno regime de censura pode fazer com que mais discursos dissonantes tentavam se fazer ouvir, como o da *Gazeta de Notícias*.

O *Jornal do Brasil* publicou, em 24 de outubro, uma carta do secretário do COI, Elwood Brown enviada ao Cel. Estelita Werner em seu regresso para os EUA. O dirigente americano afirmava que a hospitalidade brasileira era mito conhecida no mundo inteiro e que o mesmo se considerava “muito feliz por ter fruído dela”.<sup>20</sup> Mas o *Correio da Manhã* atacava a falta de preparo para receber “todas as delegações sportivas” que o Brasil havia hospedado.<sup>21</sup> No mesmo dia, Paulo Bittencourt, cronista deste periódico afirmava que o Brasil não teria atletas que o representassem dignamente nos torneios internacionais devido ao descaso dos poderes públicos com a educação e desenvolvimento físico “da nossa raça”. Na revista *Careta*, uma charge com o título “Aos Livros!” ironizava a situação da política e do futebol. A República, na figura de uma mulher gigante, tinha a seu lado Ruy Barbosa, candidato derrotado à presidência duas vezes pelas oligarquias cafeeiras e famoso por seu discurso em defesa da educação. O político encontrava-se gravemente doente, à beira da morte e foi inúmeras vezes retratado nas revistas deste período. A República, com uma mão na cabeça de um pequeno e franzino Ruy Barbosa, oferece com a outra um livro a três ainda menores jogadores de futebol que estão abraçados e lhes diz:

“Meus filhos! Nada de exageros! Lembrai-vos que a grandeza de uma nação não está nos músculos dos seus atletas, mas na intelligencia de seus intelectuais!”<sup>22</sup> Outros discurso puderam ser lidos ou explicitamente, ou a própria ausência às notícias das comemorações do Centenário e do torneio. A revista paulista *A Cigarra*<sup>23</sup> denunciava, assim como *O Diário de Pernambuco*<sup>24</sup> e o jornal carioca *A Noite*,<sup>25</sup> outro forte

---

<sup>19</sup> *Gazeta de Notícias*, 24 de outubro de 1922, p. 6

<sup>20</sup> *Jornal do Brasil*, 24 de outubro de 1922, p.13.

<sup>21</sup> *Correio da Manhã*, 13 de setembro de 1922, p.6

<sup>22</sup> “Aos livros!”. *Careta*, 28 de outubro de 1922, p. 11

<sup>23</sup> *A Cigarra*, 15 de outubro de 1922, p. 28.

<sup>24</sup> *Diário de Pernambuco*, 24 de outubro de 1922, p. 3.

oposicionista do regime, a aprovação por parte do Congresso de proposta para o pagamento de prêmio de 50:000\$000 aos atletas que haviam vencido o torneio de futebol, em pleno período de amadorismo. O periódico pernambucano praticamente não deu atenção ao torneio realizado em solo carioca. A maior parte das notícias era do Torneio do Centenário, em Pernambuco, que contava com equipes locais como o Sport e o Santa Cruz, ambos de Pernambuco.

O escândalo era maior, pois a própria CBD exigia em seus estatutos que todos os atletas fossem amadores para poder representar a seleção brasileira. O valor não era dos maiores se comparados aos 100:000\$000 que foram divididos entre dois jangadeiros que fizeram uma viagem marítima do Ceará à Capital e dois ciclistas gaúchos, que saíram da cidade de São Pedro em suas bicicletas com destino também ao Rio de Janeiro como forma de celebrar o centenário. Originalmente, os 100 contos seriam apenas para os jangadeiros, mas o atuante deputado gaúcho Octavio Rocha conseguiu uma emenda ao projeto para a divisão com os atletas gaúchos.<sup>26</sup>

Mesmo assim, era um valor altíssimo a ser dividido entre os jogadores de futebol. Cada um receberia do governo valores que poderiam chegar a ser quase 20 vezes maior do que o salário de um operário da Fábrica América Fabril, por exemplo, que rondava os 200\$000 (LOBO, 1978, p. 675). O envolvimento do governo com os esporte ganhava novos contornos e laços que seriam muito duradouros e proveitosos para os grupos que dominavam a organização dos mesmos. Palco para criação e recriação de discursos, os eventos esportivos também serviram para acomodações do jogo político, além de ótimas oportunidades para alavancar ou consolidar determinados círculos do poder. Os elementos acima mostram incontáveis elementos políticos envolvidos em diferentes campos de atividade e nas relações humanas e a partir desta breve observação se percebe a enormidade de possibilidades de trabalho nesse campo da História.

#### Bibliografia

BORGES, Vavy Pacheco. História Política: Totalidade e Imaginário. Estudos Históricos, 1996, n. 17 pp. 151 a 160

---

<sup>25</sup> *A Noite*, 23 de outubro de 1922.

<sup>26</sup> BRASIL. Diário do Congresso Nacional, 25 de outubro de 1922, p. 4.416

- BURNS, E. Bradford. “As Relações Internacionais do Brasil durante a Primeira República”. In: FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. Tomo III, vol. 2. Rio de Janeiro-São Paulo: Difel, 1977, p. 400.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História Política*. Estudos Históricos, 1996, n. 17 pp. 161 a 165
- CERVO, Amado Luiz e BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 3ª ed.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense (1902-2002)*. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.
- ELLIS, Charles Howard. *The origin, structure & working of the League of Nations*. New Jersey: The Lawbook Exchange, Ltd, 2004 3ª ed., p. 139-140. (1ª edição: Boston: Houghton Mifflin Company, 1929)
- FERREIRA Marieta de Moraes, “A Reação Republicana e a Crise dos Anos 20”, Estudos Históricos, CPDOC/FGV-RJ, vol. 6, n. 11, 1993.
- FISHER, Sílvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005, pp. 122 e 123
- GOMES, Angela de Castro Gomes. Política História, Ciência, Cultura etc. Estudos Históricos, 1996, n. 17, p. 63.
- HOBBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1988
- MARTINS, Ana Luiza. *Imprensas e Práticas Culturais em Tempos de República*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 132
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. *História d Rio de Janeiro: do capital comercial ao industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: Os Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2001.
- MORAES, Hugo da Silva. A nação do centenário: os Jogos Olímpicos do Centenário, o V Sul-Americano e a construção da identidade nacional. In: ANPUH. *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio*. Rio de Janeiro: Anph-Rio/Unirio, 2010
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.
- NORA, Pierre. O Retorno do fato. In: Le Goff, Jacques; Nora, Pierre. *História Novos Problemas*. p. Francisco Alves. 1995.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. “O Processo Político-partidário na Primeira República”. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em Perspectiva*. Rio de Janeiro- São Paulo: Difel, 1979, p. 162-226.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1966, p. 398
- TENÓRIO, Maurício. Um CUAUHTÉMOC CARIOCA: comemorando o Centenário da independência do Brasil e da raça cósmica. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 7, n. 14,. 1994, p. 135